

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS SOBRE O “CRATIM DE AÇÚCAR”: PERSPECTIVAS E CONTRADIÇÕES.

¹ Elias Pedro de Oliveira Neto ² Maria Lucelia de Andrade

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo principal o estudo da obra “*O Crato de meu Tempo*”, livro memorialista e autobiográfico do autor Paulo Elpídio de Menezes. No decorrer da análise, fazemos um apanhado geral das diversas contradições referentes as representações construídas acerca do Crato, bem como analisamos a vivência do povo cratense perante os modos “civilizatórios” que foram elencados por alguns escritores, vistos como referências obrigatórias para conhecer o passado cratense. Nessas narrativas tradicionais, o Crato é sempre apresentado como uma cidade que detinha um alto padrão cultural e que se diferenciava das demais cidades do Cariri cearense, por seu elevado desenvolvimento econômico, social e intelectual.

PALAVRAS – CHAVE: História. Memória. Narrativa. Identidade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem sido desenvolvido ao longo dos últimos onze meses e busca analisar as narrativas que se confluem em torno de uma cidade que se autodenominou civilizada, assim como, as perspectivas abordadas através de obras memorialísticas cratenses. O foco principal deste trabalho tem como fonte a obra autobiográfica “*O Crato de Meu Tempo*” (1960) do autor Paulo Elpídio de Menezes, na qual há o empenho pessoal do mesmo em construir sua autobiografia abordando os tempos em que viveu no Crato, tendo a cidade como espaço de muitos episódios pitorescos.

A partir da análise dessa fonte, percebe-se o choque de percepção no que tange à compreensão do Crato como uma cidade que tinha como ambição a adoção de um padrão civilizatório de modelo europeu, onde a conduta, a moral

¹ Universidade Regional do Cariri – URCA. E-mail: elias.pedro@urca.br

² Universidade Regional do Cariri – URCA. E-mail: lucelia.andrade@urca.br

e os bons costumes eram características que estavam presentes na sociedade cratense. Segundo Menezes (1960, p. 72-73), o Crato, que atribui a si um espírito de elevada intelectualidade e civilidade, por volta do ano de 1904 não se apresentava como tal:

O que caracterizava os costumes, na cidade caririense, era o esforço dos sacerdotes no sentido de controlar a conduta de seus habitantes. Mas... onde Jeová assenta a sua tenda, permite ao demônio desenvolver também a sua ação, muito embora com poderes limitado. De modo que, já naquele tempo, havia por ali, adeptos ao nudismo. E o mais interessante é que encontravam certo apoio no seio dos sicários do Coronel Belém³. De modo que o ambiente lhes favorecia. Sondaram, ao que parece, o tenente Jesuino e promoveram um baile, na Rua-da-Vala; todos os convivas se despiram, completamente. Só dançava quem estivesse nu. A festa se realizou com êxito. O Crato amanheceu escandalizado. Corria que somente o preto tocador da harmônica, teve vergonha e se encolheu num canto, acossado, de costas para a luz mortíça de candeia (MENEZES, 1960. p. 72-73).

Nesse sentido, percebe-se que a cidade pareceu apresentar outras facetas curiosas que por vezes escandalizavam a sociedade, como é o caso dessa curiosa festa promovida por membros da sociedade cratense e que causou escândalo.

Segundo Otonite Cortez (2000, p. 07), um exemplo que ilustra a ideia de superioridade do povo cratense é o acirramento da rivalidade que se travou entre Crato e Juazeiro do Norte. demanda que remonta aos acontecimentos do ano de 1889, com o chamado “Milagre da Hóstia”, que causou grande euforia nos moradores da cidade de Crato e, principalmente, na elite cratense:

[...] Aqueles acontecimentos foram percebidos pelas elites cratenses (poucos padres apoiaram a ideia do “milagre”), como ameaça à civilização e desobediência ao catolicismo romanizado, posto que um fenômeno de fanatismo e barbarismo. Nesse sentido, os intelectuais cratenses puseram-se a combater as práticas dos seguidores do Padre Cícero, ampliando-se o raio do combate quando ocorreram as questões político-administrativas envolvendo o Crato e o Juazeiro.

Em contrapartida, Menezes (1960, p. 63-68) apresenta contradições em relação às observações feitas acima quando aborda as questões referentes ao chamado “Milagre da Hóstia”. O autor enfatiza que o acontecimento foi recebido pelo povo cratense como uma dádiva de Deus:

³ [...] mudou-se para o Crato em 1885, associando-se a um irmão no estabelecimento de uma firma comercial. Foi, também, em Crato, delegado de polícia, e devido ao seu bom desempenho na função, recebeu a patente de coronel da Guarda Nacional, sendo posteriormente o seu comandante na comarca do Crato (DIAS, 2019. p. 411).

Um domingo, depois de acabada a missa, vi o povo correndo na direção do Cura de Juazeiro. Corri também, no mesmo sentido. Pelo o caminho ouvi dizer que a beata estava com o ataque. Chegando a casa de minha tia Quinô, que ficava na Praça ao lado esquerdo da Igreja, ainda pude entrar na sala. Sentindo, porém, que me ia faltando fôlego imprensado entre as saias do mulherio, procurei sair para a rua, o que, a custo consegui. Mas minha irmã Euclides, que ali se encontrava hospedada, bem de perto, viu o milagre – Maria de Araujo, têsá, estirada numa rêde, com os braços aberto, as mãos espalmadas, a bôca cerrada, as bochechas tufadas, os olhos virados para cima, os pés por cima um do outro. Nas palmas das mãos e na testa, transpareciam raios de sangue. Era o êxtase, que lhe transportava a alma ao Céu, lugar onde ia também o seu Pastor, quando dormia no altar. Êsses acontecimentos foram acolhidos no Crato, como sendo uma dádiva, concedida por Deus ao povo do Cariri. O padre Monteiro, muito querido pelo o povo, foi o proclamador da boa nova. Acreditou, sinceramente, nas santas revelações. Era tratado por Pai Monteiro, entre as beatas do Crato”. [...] O Crato não desmentiu o seu tradicional espírito religioso. Conforme ficou dito, recebeu o milagre como uma compreensão, concedida por Deus ao povo do Cariri.

O relato permite inferir que houve não somente a valorização da figura da beata pelos cratenses, mas também traz a percepção de Menezes (1960) de que o povo do Crato mostrou uma boa recepção em relação aos possíveis milagres, recebendo-o como uma dádiva enviada por Deus.

A moral e os bons costumes eram preocupações daqueles que construía a cidade com um elevado padrão civilizatório e culto. As virtudes cristãs eram fortemente reforçadas no sentido de imprimir uma identidade própria à população, e, neste sentido, pautavam-se nas vivências de papéis sociais moldados por uma ideia de honra, bons costumes e respeito. Menezes (1960, p. 41) traz um relato que circulou pela cidade e inquietou os conservadores da população cratense:

[...] Um acontecimento, entanto, veio inquietar bastante os defensores da moral da população cratense. Um certo João Pedro, descontrolou-se com uma mulata da casa de uma família. No esconderijo combinado, dentro do matapasto dos quintais abertos, alguém ouviu sair um “Ai, “Seu” João Pedro”, em voz baixa espremida... “... Você disse que não doía...” Tal história caiu no gôsto da canalha. Apareceu logo um poeta que a contou em versos; um músico deu-lhe a solfa. Proibida por imoral, a muniça da rua contentava-se em assovia-la. [...] moleque taludo e atrevido, aluno da Escola do Seminário, foi visto assobiando o “Ai, “Seu” João Pedro...” Nove horas da manhã, começam as aulas, quando o Padre Felix entrou. Baixo, forte, de cabeça e rosto arredondados, cabelos negros, testa fugidia, sobrolhos fechados. À sua aparição a gente sentia os intestinos esfriarem. Dois decuriões agarraram o cabrocha. O Padre Felix meteu-lhe a palmatória. O moleque já não gritava mais. Soltava uns urros esquisitos (MENEZES, 1960. p. 41).

Apesar dos esforços para controlar os corpos dentro dos dilemas morais cristãos-católicos, nem tudo era observado pela população, que não parecia

querer renunciar a seus divertimentos e chacotas facilmente, irritando aqueles que queriam impor o recato ao “populacho”.

OBJETIVOS

GERAL

Analisar as narrativas que se confluem em torno da cidade do Crato como uma cidade modelo, que detinha em si um alto padrão civilizatório.

ESPECÍFICOS

- Conhecer, através da obra analisada, novos aspectos da sociedade cratense;
- Perceber contraposições entre as perspectivas apresentadas na obra de Menezes (1960) e as narrativas da historiografia do Cariri;
- Analisar as permanências e rupturas nas narrativas que legaram as memórias como testemunhos da história do Crato.

METODOLOGIA

A metodologia de trabalho empregada consistiu na análise de livros, dissertações e teses que nos ajudaram para a construção e compreensão das narrativas aqui analisadas. Neste sentido, utilizamos das seguintes fontes: o Livro *O Crato de Meu Tempo*, de Paulo Elpídio de Menezes (1960); a Dissertação de Mestrado em História *A construção da “cidade da cultura”: Crato (1889-1960)*, de Antônia Otonite de Oliveira Cortez e a tese de doutorado em História *Encantamento e Civilização: construções discursivas de uma região (o Cariri cearense)*, de Carlos Rafael Dias.

RESULTADOS

A partir da leitura da obra autobiográfica “O Crato de meu Tempo”, pudemos perceber que as narrativas que compõem a memória coletiva em torno da Cidade do Crato, que criaram a imagem da “princesa do Cariri”, não são uníssonas. A obra aqui analisada nos permitiu alcançar memórias acerca de uma cidade mais em sintonia com as cidades do interior cearense dos primeiros anos do século XX, com suas anedotas e “causos” que nem sempre estavam alinhadas às ambições civilizatórias de uma elite local intelectualizada que

buscou construir na historiografia tradicional uma cidade “princesa”, sinônimo de cultura, civilização e modernidade.

No “Cratim de açúcar” de outrora, nem tudo era espelho da Europa, e mais, os costumes do populacho parecem ter resistido mais do que os criadores da “cidade da cultura” queriam reconhecer, e o reflexo dessas peripécias não deveria ser registrado na História com H maiúsculo, que eles queriam legar às gerações vindouras.

CONCLUSÕES

Pudemos perceber como a escrita de Menezes, ao apresentar suas percepções em torno dessa cidade (1960), apresenta contradições com as de outros autores. A fonte, aqui apresentada, mostrou que nem todos os aspectos que transcorriam nas ruas cratenses apontavam padrões europeus de civilidade. A “princesa do Cariri” não conseguia se livrar dos comportamentos pouco apreciados do “populacho”, que povoavam as preocupações das elites intelectuais e se mostravam um entrave para o tão ansiado progresso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Professora Dra. Maria Lucelia de Andrade por ter me convidado a ser o bolsista deste incrível trabalho e por ter confiado a mim a responsabilidade para o desenvolvimento e pesquisa desse projeto que tem tanto a contribuir para a historiografia caririense. Agradeço também a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – PRPGP por ter aprovado este projeto que tanto tem a contribuir para as escritas e futuras pesquisas acadêmicas. Ao Fundo Estadual de Combate à Pobreza – FECOP por financiar a pesquisa, sem ela, não seria possível o desenvolvimento da mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORTEZ, Antônia O. Oliveira. *A construção da “cidade da cultura”: Crato (1889-1960)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. 2000. 208 p.

DIAS, Carlos Rafael. *Encantamento e Civilização: construções discursivas de uma região (o Cariri cearense)*. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de História (IHT), Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), Niterói, 2019, 555 p.

MENEZES, Paulo Elpídio de. **O Crato de meu Tempo**. Crato – ce. Fortaleza. 1960.